

## DOSSIÊ

# Inovação em Linguística: o que é e como se faz

## Innovation in Linguistics: what it is and how it is done

Guilherme Moés   
Regina Celi Mendes Pereira 

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

E-mails: [guilherme.moes09@gmail.com](mailto:guilherme.moes09@gmail.com); [reginacmps@gmail.com](mailto:reginacmps@gmail.com)

**RESUMO:** Neste trabalho, a partir da análise de respostas de 08 coordenadores de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística representativos das cinco regiões do Brasil, os quais colaboraram com a pesquisa de doutorado de Sousa (2025), sobre divulgação/popularização da ciência linguística no país, objetivamos analisar concepções e modos de fazer inovação na área da Linguística. Ainda, refletimos sobre o alcance da inovação à população em geral, dada a sua estreita relação com a divulgação/popularização científica. Constatamos que a valorização em termos de financiamento e o diálogo com outras áreas sob o prisma interdisciplinar constituem-se modos de instigar a inovação científica em Linguística, sobretudo entendida como essencialmente imbricada às demandas sociais. Evidenciamos, também, a recursividade entre inovação em Linguística e divulgação/popularização científica, pois o acesso, pela sociedade, às descobertas da área faz-se prática de inovação que favorece a divulgação/popularização dessa ciência, assim como esse diálogo da sociedade com a ciência pode propiciar maior preocupação dos cientistas frente às demandas sociais para produção de inovação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inovação; Ciência; Divulgação científica; Popularização científica; Linguística.

**ABSTRACT:** In this paper, based on the analysis of responses from eight coordinators of *stricto sensu* postgraduate studies in Linguistics representing the five regions of Brazil, who collaborated with the doctoral research of Sousa (2025), on the dissemination/popularization of linguistic science in the country, we aim to analyze concepts and ways of making innovation in the area of Linguistics. Furthermore, we reflect on the reach of innovation to the general population, given its close relationship with scientific dissemination/popularization. We found that the valorization in terms of funding and the dialogue with other areas from an interdisciplinary perspective constitute ways of instigating scientific innovation in Linguistics, especially understood as essentially intertwined with social demands. We also highlight the recursiveness between innovation in Linguistics and scientific dissemination/popularization, since society's access to discoveries in the area is a practice of innovation that favors the dissemination/popularization of this science, just as this dialogue between society and science can lead to greater concern among scientists regarding social demands for the production of innovation.

**KEYWORDS:** Innovation; Science; Scientific dissemination; Scientific popularization; Linguistics.

### COMO CITAR

MOÉS, Guilherme; PEREIRA, Regina Celi Mendes. Inovação em Linguística: o que é e como se faz. *Revista da Anpoll*, v. 56, e2031, 2025. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v56.2031>

EDITORAS-CHEFE: Andréia Guerini | Mailce Mota

EDITORES CONVIDADOS: Raquel Meister Ko Freitag | Frederico Garcia Fernandes

RECEBIDO: 10/02/2025; ACEITO: 18/03/2025



## 1 Considerações iniciais

“Pele de tilápia é usada para reconstituir dedos de crianças” (Jokura, 2021). “Médico na Itália opera paciente na China em feito inédito com IA e braço robótico” (O Globo, 2024). “Táxis-robô já são realidade: veja onde é possível andar sem motorista” (Donett, 2024). Essas manchetes, coletadas em diferentes veículos de comunicação *online*, ilustram exemplos de inovações representativas, principalmente, das ciências da saúde e das exatas: os conhecimentos da biotecnologia na utilização da pele de peixe para tratamento médico; a integração entre medicina, computação e engenharia na execução de cirurgias à distância intermediadas por robôs; o papel, mais uma vez, da engenharia na criação de táxis-robôs automatizados. Nitidamente, essas contribuições alinham-se ao que concebe o Manual de Oslo<sup>1</sup> em relação à inovação como “[...] um produto ou processo **novo ou aprimorado** (ou uma combinação deles) que **difere** significativamente dos produtos ou processos **anteriores** da unidade e que foi **disponibilizado a usuários potenciais** (produto) ou **colocado em uso** pela unidade (processo)” (tradução e grifos nossos) (OCDE/EUROSTAT, 2018, p. 20). Sobre essa concepção de inovação, é saliente o caráter de o produto e/ou processo não apenas ser criado/melhorado, mas também de ser utilizado pela sociedade, em um direcionamento de divulgação/popularização científica.

Diante desse cenário, as questões que levantamos aqui são: e a Linguística, cadê a Linguística quando se fala em inovação? O que significa inovar quando falamos de ciência linguística? Que produtos e/ou processos a Linguística, na condição de ciência, é capaz de produzir e de disponibilizar para os usos sociais? Neste artigo, ancorados em estudos sobre inovação e divulgação/popularização científica, objetivamos analisar concepções e modos de fazer inovação na área da Linguística, considerando-se, para tanto – sob a categoria *conteúdo temático*, inserida no folhado textual proposto pelo quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), consoante Bronckart (1999) –, a análise de respostas de 08 coordenadores de pós-graduação *stricto sensu*<sup>2</sup> em Linguística representativos das cinco regiões do Brasil, os quais colaboraram, mediante entrevista, com a pesquisa de doutorado do primeiro autor deste trabalho (Sousa, 2025), sobre divulgação/popularização da ciência linguística no país. Nesse escopo, também refletimos sobre o alcance da inovação à população em geral, dada a sua estreita relação com a divulgação/popularização científica<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> O Manual da Oslo, elaborado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) juntamente com o Gabinete de Estatísticas da União Europeia (EUROSTAT), corresponde a um material de orientação em torno da coleta e interpretação de dados sobre inovação (OCDE/EUROSTAT, 2018).

<sup>2</sup> A escolha por analisar as respostas desses colaboradores deve-se ao fato de que representam os responsáveis por gerir alguns dos centros de efervescência e desenvolvimento da pesquisa científica em Linguística no Brasil, sobretudo porque, também, são representativos de programas com notas 5, 6 e/ou 7 na avaliação quadrienal da CAPES. Cada coordenador é identificado neste trabalho por um pseudônimo.

<sup>3</sup> Esta produção também está relacionada ao projeto *Divulgação/Popularização científica da Linguística: aspectos teóricos, formativos e textuais-discursivos*, processo de número 421969/2023-7, Chamada Universal 2023 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Organizacionalmente, em linhas gerais, na seção seguinte, discorreremos sobre os aspectos metodológicos da investigação empreendida; na outra, situamos o estatuto científico da Linguística no quadro da Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) no Brasil; na subsequente, apresentamos concepções de inovação na área e modos de fazer; ainda, discutimos a recursividade entre inovação e divulgação/popularização científica; por fim, tecemos nossas considerações finais em tom de perspectivas para o desenvolvimento da inovação em Linguística.

## 2 Aspectos metodológicos

Os dados utilizados para análise neste trabalho foram gerados no decorrer da pesquisa de doutorado de Sousa (2025), quando coordenadores de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística no Brasil foram selecionados a partir dos seguintes critérios: i) ter vínculo com programa de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística no Brasil, com nota 6 ou 7 – no âmbito da avaliação quadrienal da CAPES relativa ao período de 2017 a 2020 –, em qualquer região do país<sup>4</sup>; e ii) aceitar conceder entrevista para o desenvolvimento da pesquisa. Após contatados via e-mail, 8 coordenadores, cujos perfis são brevemente apresentados no Quadro 1, aceitaram colaborar com a investigação e participaram da entrevista.

**Quadro 1** – Coordenadores de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística no Brasil colaboradores da pesquisa.

Área básica do programa	Nota do programa, conforme avaliação quadrienal da CAPES 2017-2020	Região	Pseudônimo do(a) coordenador(a) do programa	Vigência da atuação no cargo de coordenação do programa	Duração da entrevista <sup>5</sup>
Linguística	7	Sudeste	Pedro Figueira	2021-2023 e 2023-2025	00:47:40
Linguística	6	Sudeste	Givanildo Borges	2022-2024	01:00:36
Linguística	6	Sudeste	Paula	2021-2023 e 2023-2025	00:45:54
Linguística	6	Sudeste	Túlio	2022-2024	00:56:39
Linguística	6	Nordeste	Calango	2022-2024 e 2024-2026	01:18:46
Linguística	6	Sul	José	2021-2024	00:54:52
Letras	6	Norte	Erika	2021-2023 e 2023-2025	00:52:44
Linguística	5	Centro-Oeste	Joanita	2022-2024	00:51:11

Fonte: Sousa (2025).

<sup>4</sup> Quanto a esse critério, na região Norte, não foram identificados programas específicos de Linguística, de modo que selecionamos um representante de programa da área de Letras com maior nota (6), o qual envolve tanto Linguística quanto Literatura. Ainda, em relação à região Centro-Oeste, não identificamos programas exclusivos de Linguística com notas 6 e 7, o que nos fez selecionar um programa com nota 5 para representar a região. Não foram selecionados representantes de programas específicos de Linguística Aplicada, mesmo com nota 6, por se tratar de uma subárea da Linguística.

<sup>5</sup> O tempo de duração das entrevistas segue o padrão: *hora:minuto:segundo*.

As entrevistas ocorreram via *Google Meet*, durante o mês de setembro de 2023, com duração média aproximada de 56 minutos, e os colaboradores foram questionados, dentre outros aspectos que emergiram no decorrer da interação, a partir do seguinte roteiro: 1) Para você, o que é ciência?; 2) Por que a Linguística é uma ciência?; 3) Qual o objeto de investigação da ciência linguística?; 4) O que significa divulgar/popularizar a ciência linguística?; 5) Como linguista, quais são seus direcionamentos de pesquisa, isto é, o que você tem pesquisado/praticado?; 6) Os resultados das suas pesquisas têm chegado ao conhecimento do público leigo ou não-especialista?; 7) As pesquisas científicas da Linguística são (re)conhecidas pela sociedade em geral? Por quê?; 8) Na condição de coordenador(a) de uma pós-graduação *stricto sensu* da área de Linguística, no Brasil, tem havido discussões/reflexões acerca de práticas de divulgação/popularização científica das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa? Se não, por quê? Se sim, em que consistem?; 9) Que benefícios diretos ou indiretos as pesquisas desenvolvidas no Programa oferecem ou podem oferecer à sociedade? Na prática, a sociedade tem tido acesso a esses benefícios? Por quê?; 10) Qual o papel da pós-graduação *stricto sensu* em Linguística na divulgação/popularização dessa ciência?.

Para a construção deste artigo, fez-se um recorte de excertos das entrevistas levando-se em consideração segmentos das respostas que tivessem relação com inovação e divulgação/popularização científica da Linguística. Com isso, empreendeu-se a análise da categoria do conteúdo temático sob o alicerce do quadro teórico-metodológico do ISD (Bronckart, 1999), em diálogo com elementos dos contextos sócio-histórico e sociossubjetivo.

Dito isso, passemos à abordagem da cientificidade da Linguística no contexto brasileiro da Ciência, Tecnologia e Inovação.

### **3 O estatuto científico da Linguística e a perspectiva de Ciência, Tecnologia e Inovação: um olhar para o contexto brasileiro**

Antes de seguirmos com as discussões desta seção, é crucial defendermos aqui a assertiva de que não há como inovar sem um alicerce histórico-social. Em outras palavras: a produção de inovação em uma determinada área do conhecimento científico demanda consolidação da área em termos de organização/sistematização científica.

Diz-se que a origem da ciência é a Grécia (Dantas, 2008), por volta do século V (Rosa, 2012). Se é assim, a Linguística como ciência é muito recente, sobretudo quando tomamos sua emergência com a publicação póstuma, em 1916, da obra *Curso de Linguística Geral* (CLG), atribuída a Ferdinand de Saussure, embora tenha sido escrita por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, a partir de anotações coletadas quando participaram de cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure entre 1907 e 1911. No Brasil, especificamente, a entrada dessa ciência deu-se quando Mattoso Câmara ministrou curso de extensão em Linguística, nos anos de 1938 e 1939, na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro (Altman, 2021). Como constatou Sousa (2025), sua consolidação como ciência no cenário nacional envolveu um conjunto de acontecimentos históricos, só para ilustrar alguns: a institucionalização da Linguística como disciplina obrigatória da carreira de Letras no ano de 1962; a fundação da Associação Brasileira de Linguística (Abralin) em 1969; a criação, em

1984, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Letras e Linguística (Anpoll). Ao tomar a língua(gem) como objeto de investigação, sob o método científico, a Linguística encontra-se fortalecida no Brasil, com mais de cinco mil doutores formados na área, conforme dados coletados na *Plataforma Lattes*, em janeiro de 2025.

Passados quase 90 anos de sua inserção em território tupiniquim, a Linguística tem contribuído para o desenvolvimento do país em diferentes frentes, desde a descrição da Língua Portuguesa falada no Brasil – o que reverbera na compreensão em torno da variação e mudança linguísticas e seus efeitos sociais, culturais e discursivos – e de línguas indígenas, como também na sua inserção educacional, alicerçando o trabalho de professores em eixos como leitura, escrita, oralidade, análise linguística. Os estudos científicos em Linguística Aplicada, por exemplo, têm desenvolvido metodologias para o ensino-aprendizagem de línguas, melhorias na formação docente com vistas a atender anseios dos próprios professores e dos alunos, bem como para a (re)formulação de currículos educacionais. Ampliando o leque, a Linguística tem tido um papel importante no desenvolvimento de inteligência artificial (IA) mediada por conversação<sup>6</sup> e também na análise de situações criminais, sob a ótica forense. Embora a Linguística se faça uma ciência muito importante para a vida das pessoas, parece ser desconhecida por boa parte da sociedade, pois,

**[...] se você perguntar o que é astronomia, muita gente consegue dizer o que é que seria astronomia, mas se você chegar, perguntar o que é que é linguística, talvez as pessoas ainda titubeiem, [...] é uma ciência muito nova [...] Eu acho que não pode se comparar imediatamente com outras ciências que já pavimentaram nessa estrada, inclusive a estrada de veiculação de conhecimento. Já existem vários elementos que têm uma popularização do conhecimento muito maior, tem um histórico disso, pessoas que se dedicaram sobre isso, inclusive a popularização de ciência começa em outras áreas [...]** (grifos nossos) (Givanildo Borges, coordenador de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 6 da região Sudeste)

Ao situar a necessidade de maior atenção e dedicação a questões de divulgação/popularização científica da Linguística – em comparação ao contexto sócio-histórico-cultural (Bronckart, 1999) de aparente conhecimento popular sobre outras ciências, a exemplo da astronomia –, o coordenador Givanildo destaca a necessidade de ainda investirmos na sistematização do conhecimento a ser alvo dessa divulgação/popularização. Nesse cenário, a pós-graduação *stricto sensu* em Linguística tem um papel indispensável:

**[...] o grosso da pesquisa científica é feito na pós-graduação por bolsista, por alunos, os alunos hoje eu acho que são o principal veículo produtor, promotor de ciência no Brasil, é o alunado, são alunos de mestrado e doutorado que ingressam nos programas com os seus projetos e que precisam levar uma pesquisa lá em curso por 2 anos, no mestrado, ou 4 anos idealmente no doutorado, digamos assim, por 6-7 anos, ele precisa produzir ciência no âmbito de uma pós-graduação e é isso que faz a ciência brasileira girar. Eu acho, inclusive, que o aluno de pós-graduação é muito pouco valorizado no Brasil. Seria o principal motor do fazer científico, é mais do que o docente já contratado a meu ver. (grifos nossos)** (Pedro Figueira, coordenador de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 7 da região Sudeste)

---

<sup>6</sup> Informação disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O-7pyEj-Xk>. Acesso em: 28 jan. 2025.

Dado o papel dos pós-graduandos na produção científica em Linguística e a sua desvalorização, Fernandes (2020, p. 12) problematiza que a existência da área de Letras e Linguística junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) “[...] em departamentos, programas de pós-graduação, pró-reitorias de pesquisa e em agências de fomento, não quer dizer que o financiamento necessário ao desenvolvimento do trabalho esteja assegurado ou sempre tenha existido”. Nesse sentido, revela que as ciências que trabalham com linguagem e/ou outros objetos não-exatos parecem ficar à margem do investimento científico, como consequência de um preconceito institucionalizado em torno do que se vê como uma “ciência menor”.

No cenário brasileiro, o Marco Legal da Ciência, Tecnologia e Inovação (MLCTI) objetiva fomentar e fortalecer a pesquisa científica no país, rumo à inovação e ao desenvolvimento social e econômico. Esse Marco está pautado no princípio da Hélice Tríplice, segundo o qual a Universidade, a Indústria/as Empresas e o Governo devem se integrar para promover o desenvolvimento socioeconômico (Etzkowitz; Leydesdorff, 1998). No contexto internacional, pensando sobretudo na abrangência dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com ênfase nos Estados Unidos, Mowery e Sampat (2005, p. 210) defendem que o diálogo entre universidades e indústrias cresceu a partir da década de 1970, de modo que “[...] um número crescente de governos de economias industriais e em desenvolvimento busca usar as universidades como instrumentos para o desenvolvimento e a mudança econômica baseados no conhecimento”<sup>7</sup> (tradução nossa). Apesar de criticarmos as possíveis finalidades neoliberais em torno do lucro empresarial diante dos benefícios econômicos proporcionados pela pesquisa científica, defendemos a urgência do engajamento social das instituições públicas e privadas para o investimento na pós-graduação, que se constitui o centro de efervescência da pesquisa científica de qualidade no Brasil com grande potencial de inovação, tendo em vista o retorno das contribuições da ciência à sociedade, considerando-se, inclusive, os anseios sociais para a produção científica.

Em síntese, percebemos que o fortalecimento da Linguística como ciência é condição *sine qua non* para a produção de inovação na área, daí a necessidade de valorização dessa ciência, inclusive, pelo governo, para que a inovação na área seja fortalecida e, com isso, a sociedade tenha consciência dos benefícios que a Linguística pode lhe proporcionar.

Cientes disso, desenvolvemos, na sequência, reflexões sobre o que é e como se faz inovação em Linguística.

## 4 Inovação em Linguística: o que é, como se faz?

A inovação é comumente atrelada à indústria e às empresas, pensada sob a lógica do desenvolvimento tecnológico. Do latim *innovatio*, à palavra inovação, conforme Dicionário Michaelis, está subjacente a perspectiva de fazer o que ainda não tenha sido feito, fazer o diferente, inovar está para estabelecer novas relações, dizer o que ainda não foi dito, ou melhor (re) dizer o que foi dito de uma outra forma, com novos horizontes e perspectivas, até porque, o

---

<sup>7</sup> “[...] a growing number of industrial-economy and developing-economy governments seek to use universities as instruments for knowledge-based economic development and change” (Texto original).

discurso dito novo, ao passo que sempre é carregado de influências dos discursos dos Outros, também é constituído das pré-construções sócio-históricas e subjetivas (Bronckart, 1999) de quem o enuncia.

Costumamos ver, por exemplo, muitas pesquisas que replicam experimentos ou procedimentos já consolidados. Na Linguística Aplicada, o procedimento Sequência Didática (SD) proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) é costumeiramente utilizado em trabalhos acadêmico-científicos. Ora! A replicabilidade é uma das características do fazer científico, como bem assinala a coordenadora Paula:

[...] **uma das premissas que a gente tem na ciência moderna é que os resultados possam ser, por exemplo, replicáveis**, dadas as mesmas condições de temperatura e pressão [...] (grifos nossos) (Paula, coordenadora de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 6 da região Sudeste)

Em que medida tais trabalhos que replicam, por exemplo, o procedimento da SD são inovadores? A replicabilidade é uma característica da ciência, mas que, em primeira instância, não leva à inovação, embora possa até levar, pois pode favorecer novos pontos de vistas ou mesmo propiciar descobertas antes não percebidas nas mesmas práticas e/ou experimentos. Um exemplo de inovação decorrente desse procedimento foi a produção de uma SD brasileira (Cf. Costa-Hübes; Simioni, 2014), como adaptação à realidade nacional, considerando-se as demandas e características sócio-histórico-cultural-subjetivas do Brasil. Essa perspectiva de inovação é respaldada no trabalho de Markee (1993), segundo o qual, no plano da Linguística Aplicada, especificamente no ensino de língua, por exemplo, a mudança de materiais pedagógicos, abordagens e valores, percebida como nova por interlocutores inseridos em um sistema interativo, pode ser pensada sob o prisma da inovação.

Quanto à produção científica sobre a inovação em Linguística, no ano de 2013, a própria Revista da Anpoll, especificamente no número 34, trouxe a temática da inovação na área de Linguística, sob o seguinte título de dossiê: *Pensar e produzir inovação em linguística*. Interessante notar que, à época, Rosângela Hammes Rodrigues (2013, p. 3-4), na apresentação do número, ao criticar a concepção de inovação praticamente restrita aos campos da tecnologia e da economia, problematiza o estatuto da inovação na área da Linguística nos seguintes termos:

[...] **foram poucos os artigos submetidos e aprovados que tratavam de inovação**, o que fez com que o período de submissão fosse prorrogado durante um bom tempo, já dentro dos limites para se fechar a edição de Linguística deste ano. Ainda assim, **não obtivemos textos aprovados sobre a temática em número mínimo para compor a edição**. Assim, tínhamos duas alternativas: convidar pesquisadores para tratar sobre o tema ou submeter a pareceristas os artigos recebidos que não se encaixavam na temática. Optamos pela segunda via, porque consideramos que convidar pesquisadores para falar sobre o tema seria apagar esse não-dito, e que textualizar **a pouca manifestação da nossa área sobre “Pensar e produzir inovação em Linguística” é significativo**. Deixamos para o leitor a contra-palavra sobre a questão. (grifos nossos)

Baronas e Conti (2018, p. 75) chegam a retomar a apresentação desse número supracitado da Revista da Anpoll e, amparados em uma filosofia do discurso, contestam o discurso moral em torno da produção de inovação em Linguística com as seguintes palavras:

[...] trata-se de um discurso moral sobre o discurso do fazer científico que interpela os indivíduos a se subjetivarem e a entrarem nessa ordem. Falo em discurso moral, pois **se os indivíduos não entrarem nessa ordem do enunciável**, nesse verdadeiro da época, **seus discursos não serão considerados virtuosos, isto é, não estarão ajustados aos agentes, à memória discursiva e ao mundo**. Serão discursos passíveis de penalização, visto que o **seu conhecimento não fará o mundo melhor [...]** (grifos nossos).

Embora entendamos o ponto de vista de Baronas e Contin (2018), e até defendamos que não se deve “forçar a barra” no sentido de tentar a todo custo inovar em Linguística, compreendemos que a ciência, por sua natureza de dependência da sociedade, deva sim produzir inovação. Não pensemos, contudo, como já dissemos, que a inovação emerge das cinzas, mas que, para acontecer, demanda uma ciência consolidada. Nesses termos, a pesquisa básica e teórica em Linguística faz-se premissa para posteriores produções de inovação. O que não podemos fazer é necessariamente ceder às pressões de produtivismo do mercado e acelerar etapas que comprometam a qualidade do desenvolvimento científico, mas sim que a produção de inovação nas pesquisas em Linguística não necessariamente ocorre a curto prazo. Como ilustra o coordenador Túlio, a pesquisa básica é indispensável para a futura produção de inovação científica e social:

[...] **há um certo preconceito às vezes com a pesquisa, com a ciência básica**, e às vezes vem do próprio leigo, **porque é uma coisa que está muito distante de uma aplicação**, e aí fala, “vou gastar o dinheiro público, por exemplo, para isso?”. Então, assim, eu abordo essa questão nesses dois vieses, assim, o primeiro é que **o conhecimento tem valor intrínseco**, assim, então, não precisa justificar-se, o segundo, então, assim, “Ah, não, não vamos financiar isso daí porque isso não traz nenhum bem para...”. Bom, primeiro que é difícil saber isso, e segundo é que “Como assim?”, **talvez metade aí, grande parte do que os gregos e romanos fizeram hoje seria tachado de coisas supérfluas**. Para que estudar a tragédia humana? É muito complicado. Agora, **na medida em que, naturalmente, o potencial de aplicação vai surgindo, aí eu acho que é uma coisa na qual você pode investir, e aí tentar maximizar, mas eu acho que isso nunca pode ser o norte assim, só vai fazer alguma coisa se tiver resultado prático no horizonte, curto, médio prazo, isso eu acho que é matar o país**. (grifos nossos) (Túlio, coordenador de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 6 da região Sudeste)

Compreendemos, nessa linha de raciocínio, que é na pesquisa científica que a inovação começa a se constituir, até porque a inovação demanda sistematização. Apesar de a discussão feita por Mowery e Sampat (2005) enfatizar o aspecto mais imediatista (recorrente nas engenharias, ciência da computação e outras áreas) de as universidades disponibilizarem pessoal qualificado para atuação na indústria, como medida capaz de favorecer a inovação e o retorno social da ciência, percebemos, na área de Linguística, a partir da resposta do coordenador Túlio, a possível relação entre autoria e inovação, na medida em que a originalidade da escrita

científica é um passo capaz de fomentar a inovação. Embora estejam interligadas, *inovação* e *originalidade* são tomadas neste trabalho como ideias distintas: a primeira é concebida como a (re)criação de produto, processo ou tecnologia, tendo caráter mais prático; a segunda vincula-se mais ao plano textual, à autoria. Na verdade, a inovação começa no desenvolvimento da pesquisa e é materializada na produção escrita de trabalhos científicos, daí a importância de a escrita científica atuar como fortalecedora da ciência, como percebemos neste excerto:

**Você tem que checar as condições de falseabilidade, você tem que pegar o que é que uma pessoa usaria para falsear aquilo ali, e mostrar que essa pessoa está errada [...] Propor árvore não é fazer ciência. [...] eu vejo muitos trabalhos em gramática gerativa que não se preocupam em apresentar evidência. É muito comum, por exemplo, a gente se deparar com uma dissertação, em geral é no mestrado que isso acontece, porque no doutorado a pessoa já vai estar mais madura, mas o mestrado é muito comum uma pessoa simplesmente tem lá “Quero analisar o verbo auxiliar”, aí 80% da tese é resenha sobre verbo auxiliar, e os outros 20% é que a pessoa vai apresentar uma proposta, mas se esquece de buscar as evidências para aquela proposta. Isso aí não é fazer ciência, está usando o escopo científico só para dar um ar científico ao trabalho, mas não é fazer ciência. (grifos nossos) (Pedro Figueira, coordenador de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 7 da região Sudeste)**

Observemos que são mencionados aspectos referentes a critérios de cientificidade, atribuições dos pesquisadores da pós-graduação, os quais precisam também se engajar na produção da ciência que representa. Essa questão vincula-se ao conformismo mencionado pelo coordenador José, atrelado ao plano motivacional para produção científica e de inovação:

**Houve uma onda aí, e isso vem, claro, por questão de política em que as pessoas estão desiludidas com a pós-graduação. Sabe, “eu vou fazer, mas não tá abrindo concurso”. Mentira, tem concurso sim, porque tem professor que morre, tem professor que aposenta, sabe, tem concurso sim, o que não tem é doutor, realmente um D maiúsculo, para poder, para poder fazer, criar, fazer ciência, não se contentar com o básico [...]. A minha orientada não tem conseguido responder à altura do que eu quero dela, mas a ideia era que ela transformasse em jogos digitais os mapas [linguísticos]. Fosse lá para a ciência da computação, buscasse parcerias e fizesse coisas atrativas para a criançada, seja com jogos, utilizando os mapas, um quebra-cabeça de mapa interativo ficaria legal, com variação, por exemplo, para bolinha de gude, que tem diferentes nomes, o quiz é do modo mais atrativo do que simplesmente, mas, enfim, cada um faz aquilo que consegue. [...] o aluno faz o mínimo hoje, faz o mínimo, então daí desmotiva porque não dá para eu fazer outra tese, eu já fiz a minha, entende? Então daí você tem a ideia, você tem condições de orientar, mas a pessoa que vai executar tem que fazer além para construir algo novo, daí querem só repetir aquilo que já foi feito. Por que que eu vou quebrar a cabeça e criar alguma coisa que não existe? Sendo que eu posso conseguir meu título, e às vezes consegue o título só pelo título, dá para ter o aumento. Tem quantos doutores aí na educação básica? Não que não tenha que ter, tem que ter, mas que realmente passa a valer o título, enfim, tem muito. (grifos nossos) (José, coordenador de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 6 da região Sul)**

Em diálogo com esse posicionamento do coordenador José, o jornal *Correio Brasiliense* (Giusti, 2024) noticia: “Crise na pós-graduação: evasão de pesquisadores prejudica ciência nacional. Baixo incentivo financeiro, falta de direitos e má absorção no mercado de trabalho provocam abandono dos programas, o que impacta a produção científica e tecnológica do país”. Não é por menos: hoje, no Brasil, um mestrando ou doutorando não tem direito a 13º, tampouco a férias, sua bolsa não se vincula à contribuição para aposentadoria, enfim, o cientista é invisibilizado não só pela sociedade, mas pelo próprio governo, que parece desconhecer todo trabalho e dedicação desprendidos para desenvolver a ciência nacional.

Mesmo com esse cenário de desvalorização da ciência em geral, se formos falar em Linguística, então, cabe destacarmos que o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) tem a linha de pesquisa intitulada “Linguística, Educação e Inovação”, que se dedica, por exemplo, à “Pesquisa linguística nas **inter-relações com outras áreas do conhecimento**.” (grifos nossos)<sup>8</sup>. Destacamos, nesse escopo, expressões que sintetizamos aqui como interdisciplinaridade. Percebemos que o diálogo da Linguística com outras áreas do conhecimento pode se constituir um rumo fértil para a produção de inovação na área, como já atestam Philippi Jr. e Silva Neto (2010), ao destacarem o papel primordial do diálogo entre as ciências para a promoção da inovação.

Sobre isso, é importante mencionar que o Prêmio Abralin, na categoria Tecnologia e Inovação em Pesquisas Linguísticas, teve como vencedor, em 2021, o Prof. Dr. Tiago Torrent, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), por seu trabalho desenvolvido na interseção entre Linguística e Ciência da Computação, no âmbito do laboratório FrameNet Brasil<sup>9</sup>. O diálogo entre essas duas ciências também favoreceu o desenvolvimento de *software* para leitura de mapas linguísticos:

**Eu mesmo construí um software na minha tese para poder resolver uma questão metodológica, ou seja, eu segui nosso próprio caminho.** [...] hoje é utilizado, não sei lá fora, mas no Brasil, por exemplo, nosso *software* é muito utilizado, foi uma ferramenta, foi descoberta, foi criada, enfim. [...] **Foi patentado.** [...] é claro que o *software* não fui eu que fiz a linguagem de programação, que foi o TCC de um aluno de ciências da computação, mas a necessidade partiu daqui, as funcionalidades vieram de cá, então foi uma parceria, porque nesse sentido que a gente tem que estar antenado com outras áreas, se não a gente não cresce. [...] **você tem que buscar parcerias com outras áreas, e a interdisciplinaridade é fundamental nesse sentido,** porque, assim, ciência da computação está aí, e ela existe para resolver problemas de outras áreas [...]. (grifos nossos) (José, coordenador de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 6 da região Sul)

<sup>8</sup> Informação disponível em: <https://ppglinguistica.lettras.ufrj.br/programa/linhas-de-pesquisa/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

<sup>9</sup> “A FrameNet Brasil é um laboratório de Linguística Computacional sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Nossa missão é a de desenvolver soluções computacionais para a Compreensão de Língua Natural com base na Semântica de Frames e na Gramática das Construções.” (Informação disponível em: <https://www2.ufjf.br/framenetbr/apresentacao/>; acesso em: 20 abr. 2025).

Lembremos aqui, por exemplo, as manchetes com as quais iniciamos este trabalho, que expressavam a relação entre áreas do conhecimento científico na produção de inovação. Sob essa ótica, parece ser a interdisciplinaridade/multidisciplinaridade, aqui tomadas como expressões sinônimas, peça-chave para a inovação científica em Linguística, aspecto também discutido por nossos colaboradores coordenadores de pós-graduação:

[...] eu vejo assim aquelas possibilidades dentro da linguagem, que esse campo é multidisciplinar, que é esse campo de muitas possibilidades, então eu fico imaginando, poxa, como a pessoa pode desde pesquisar um som de uma de uma língua indígena até chegar à subjetividade de comunidades, de identidades, de pessoas como os quilombolas, como, por exemplo, LGBTQIA+ [...]. (grifos nossos) (Joanita, coordenadora de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 5 da região Centro-Oeste)

Do ponto de vista das pesquisas teóricas, [...] há um engajamento com essa multidisciplinaridade, e aí essa multidisciplinaridade tem criado, por exemplo, oportunidades de ampliar as relações da linguística com a fonoaudiologia, com a psicologia, com a terapia ocupacional, e isso acaba produzindo também reflexo na formação desses profissionais. (grifos nossos) (Calango, coordenador de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 6 da região Nordeste)

Como sugere a coordenadora Paula, precisamos furar a bolha no sentido das trocas com outras áreas, de modo que a interdisciplinaridade não fique apenas no discurso, mas que chegue à prática:

Quando a gente vai para um congresso, o congresso é para você apresentar para os pares. Então eu não vou para um congresso de engenharia apresentar o meu trabalho de Linguística Aplicada. Quer dizer, a gente fala às vezes tanto de interdisciplinaridade, mas a gente acaba se fechando aí nas casinhas, nas caixinhas, nos rótulos [...] (grifos nossos) (Paula, coordenadora de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 6 da região Sudeste)

A perspectiva do que Paula chama aqui de interdisciplinaridade, e com a qual nos alinhamos, aproxima-se do que Baumgarten (2008, p. 110), amparada em Yahiel (1975), chama de coletividade científica, entendida como “locus de interação entre pesquisadores (incluindo a concorrência e o conflito) e das diversas inter-relações sociais envolvidas na produção da ciência e tecnologia, considerando os distintos componentes encontrados na estrutura social investigada”. Essa interlocução com outras áreas também pode ajudar a Linguística a tomar o objeto língua(gem) sob perspectivas mais contemporâneas, dadas as mudanças tecnológicas que assolam a sociedade, como destaca a coordenadora Erika:

Imagina hoje a amplitude que as redes sociais deram, que a globalização deu [...] como é que a gente vai ficar preso em um conceito de língua que se restringe aos aspectos internos das palavras? [...] a gente hoje tem que pensar de fato novas categorias que consigam contemplar o nosso momento histórico, as nossas condições de possibilidades históricas, e aquilo que se transformou a comunicação humana, que não é mais a mesma coisa que era no século 19. (grifos nossos) (Erika, coordenadora de pós-graduação *stricto sensu* em Letras nota 6 da região Norte)

Diante do que explanamos, apresentamos uma síntese sobre o que (não) fazer para produzir inovação em Linguística.

O que não fazer:

- Priorizar quantidade em vez de qualidade;
- Repetir o que já foi feito; isso até pode servir para iniciação científica, mas dificilmente promoverá inovação, a não ser que a repetição favoreça evidências que não condigam (e/ou que redirecionem conclusões obtidas) com o experimento inicial, apontando outros resultados, desde que válidos, isto é, não adulterados.

O que fazer:

- A escrita é um passo inicial para inovação. Retomar teorias de forma exagerada sem apresentar novos resultados e descobertas não se constitui prática com potencial de inovação;
- Interdisciplinaridade. Quando falamos em interdisciplinaridade não queremos dizer que a Linguística dependa de outras ciências para ser reconhecida, mas sim que o imbricamento entre ciências pode ser ferramenta indispensável para o desenvolvimento social;
- Pensar em espaços para além do escolar. A atuação das pessoas com formação em Linguística costuma ficar restrita à bolha do Ensino, apesar de que a Linguística ainda é desconhecida no próprio ambiente escolar, por falta de divulgação/popularização, perdendo espaço para a Gramática Normativa. Não se trata de esquecer a escola, mas de ampliar os horizontes de atuação;
- Formação em Letras/Linguística que contemple a inovação na área. Inserção de disciplinas que contemplem essas discussões sobre inovação em Linguística (e/ou mesmo inserção da discussão sobre inovação nas disciplinas já existentes, de modo que esse tópico atravesse o currículo da área).

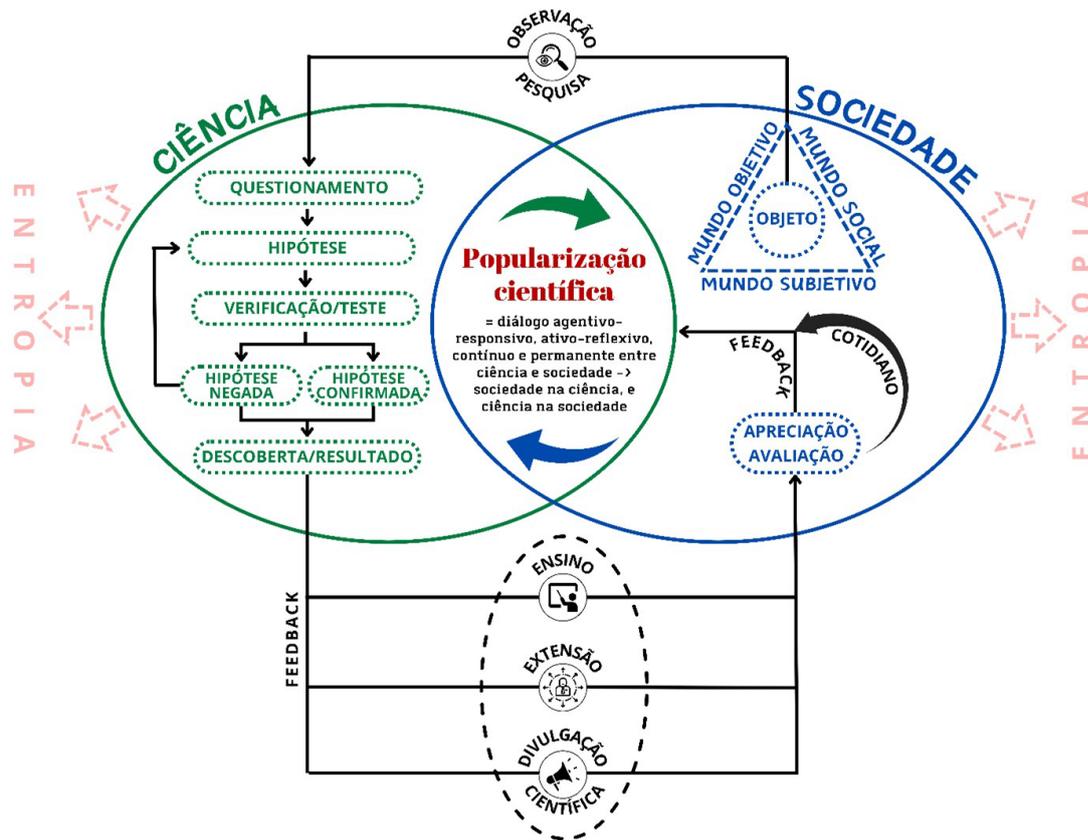
Dado o exposto, passemos ao entendimento da recursividade existente entre inovação e divulgação/popularização científica da Linguística.

## 5 Potencialidades da inovação para divulgação/popularização científica da Linguística: recursividades

[...] a divulgação científica ela é, digamos assim, dependendo da ciência que se faça, uma revolução, [...] porque ela vai estreitar esses laços com a sociedade, a universidade, ela não pode ser à parte da sociedade, [...] como é que a universidade se responsabiliza pelo social? Sem a divulgação científica, não existe isso. (grifos nossos) (Erika, coordenadora de pós-graduação *stricto sensu* em Letras nota 6 da região Norte)

Divulgar uma ciência significa informar à sociedade as descobertas decorrentes do processo de construção do saber científico, inclusive financiado com recurso público, ao passo que a popularização corresponderia ao consumo dessa informação e respectivo *feedback* social à

ciência, com a devida incorporação social dos saberes científicos (Sousa, 2025). Nesse prisma, a inovação pode funcionar como mola propulsora da divulgação/popularização científica da Linguística, pois, na medida em que a inovação depende da disponibilização da descoberta científica para as pessoas, a popularização envolve o engajamento social na ciência, o diálogo da sociedade com a ciência e vice-versa, em uma relação de recursividade, de interdependência, como ilustrado na Figura 1 a seguir.



**Figura 1** – Caracterização do funcionamento do sistema *ciência ↔ sociedade*.  
 Fonte: Sousa (2025).

Ilustrativa do funcionamento do sistema *ciência ↔ sociedade*, no qual concebemos a Linguística nesse papel de ciência, compreendemos que a ciência recorta o objeto da sociedade (do mundo objetivo/físico, do mundo social e/ou do mundo subjetivo) para observação e desenvolvimento da pesquisa, via método científico, cujos resultados/descobertas são apresentados/conduzidos à sociedade por diferentes vias, seja pelo Ensino, pela Extensão, seja pela Divulgação Científica propriamente dita (textos de divulgação científica), a fim de que a sociedade tenha acesso a tais descobertas e possa, a partir de sua apreciação/avaliação e de usos cotidianos, dialogar ativo-reflexivamente com a ciência, incorporando-a socialmente. O oposto a isso, a entropia, correspondente à tendência à desorganização de um sistema, vincula-se, na Figura 1, por exemplo, à carência de divulgação/popularização, pois, à medida que a sociedade não tem acesso às descobertas científicas, não há inovação, consoante a concepção presente no Manual de Oslo (OCDE/EUROSTAT, 2018).

A inovação científica pode até emergir do conhecimento em si ou de demandas privadas da indústria, e ainda assim produzir efeitos sociais significativos, a despeito das relações de desigualdade neoliberais. Não obstante, em sua essência constitutiva de uma ciência socialmente responsável, a produção de inovação em Linguística deve emergir das demandas da sociedade:

**Como fazer isso não apenas chegar, mas ser também uma troca de saberes, porque acho que também é de um outro lugar que a gente pensa, quer dizer, não é só universidade trazendo um saber iluminado para o outro, o que a comunidade também tem a me ensinar e a contribuir para que a própria agenda de pesquisa possa ser repensada.** (grifos nossos) (Paula, coordenadora de pós-graduação *stricto sensu* em Linguística nota 6 da região Sudeste)

Desse modo, a inovação científica em Linguística, assim como deveria ser nas demais ciências, carece de ser social, com vistas a promover o desenvolvimento da sociedade e de tudo o que a integra. No entanto, sobre essa questão, Gulbrandsen e Aanstad (2015) destacam as dificuldades de promover inovação nas universidades em geral e nas artes e humanidades em específico. No contexto analisado pelos pesquisadores, Universidade de Oslo (Noruega), as diferentes tensões relacionadas à produção que envolvem infraestrutura, ensino, pesquisa e qualidade, alinham-se, de certa forma, ao que pudemos registrar nas respostas de nossos colaboradores.

Finalizamos, adiante, com as considerações finais.

## 6 Considerações finais

A inovação em Linguística corresponde ao que o Manual de Oslo (OCDE/EUROSTAT, 2018), mesmo estreitamente inserido no contexto da indústria, postula em torno da criação ou aprimoramento de produto ou processo. Essa inovação na área, a partir do que discutimos, atrela-se a um conjunto de variáveis, desde a falta de estímulo e valorização da pós-graduação, sobretudo na área das humanidades, da qual a Linguística se aproxima, como também envolve a necessidade de maior engajamento do linguista no desenvolvimento de pesquisas mais potentes no contexto do mestrado e do doutorado especialmente.

No que tange ao nosso objetivo com este artigo, a saber, *analisar concepções e modos de fazer inovação na área da Linguística*, a inovação em Linguística parece ter relação com a autoria, com a promoção de mudanças em procedimentos didáticos, além de aplicações interdisciplinares no desenvolvimento de inteligência artificial, perícia criminal e outras possibilidades. O modo de fazer inovação em Linguística mais proeminente parece ser por intermédio do diálogo com outras áreas do conhecimento científico, a partir do estabelecimento de parcerias e de trocas, via construção de uma coletividade científica (Baumgarten, 2008) capaz de atender às demandas da sociedade brasileira.

Em se tratando da relação recursiva entre divulgação/popularização e inovação científica, entendemos que a inovação tem laços estreitos com a noção de divulgação e que é por meio da inovação que a sociedade tem à disposição as descobertas da ciência de forma mais prática e, com isso, poderá dialogar responsivo-ativamente com a ciência, tornando-a popular. Nessa interação dialógica, a ciência poderá desenvolver maior responsabilidade social, atendendo aos anseios do povo para a produção de inovação.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

**GM:** Conceptualização; Visualização; Escrita – rascunho original; Escrita – análise e edição;  
**RCMP:** Conceptualização; Visualização; Escrita – rascunho original; Escrita – análise e edição.

## REFERÊNCIAS

ALTMAN, C. *A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

BARONAS, R. L.; CONTI, T. B. (Pro)Posições e notas para/sober a produção de inovação em Linguística. *Ensino e Tecnologia em Revista – ETR*, v. 2, n. 1, 2018, p. 71-83. Disponível em: <https://periodicos.utfrp.edu.br/etr/article/view/8388/5242>. Acesso em: 29 jan. 2025.

BAUMGARTEN, M. Ciência, tecnologia e desenvolvimento – redes e inovação social. *Parcerias Estratégicas*, n. 26, Brasília, 2008, p. 101-123. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/185123/000665297.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 jan. 2025.

BRONCKART, J-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

COSTA-HÜBES, T. C.; SIMIONI, C. A. Sequência Didática: uma proposta metodológica curricular de trabalho com os gêneros discursivos/textuais. In: BARROS, E. M. D.; RIOS-REGISTRO, E. S. (org.). *Experiências com Sequências Didáticas de Gêneros Textuais*. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 15-39.

DANTAS, A. M. A ciência. *Revista Brasileira de Oftalmologia*, 2008, v. 67, n. 4, p. 163-164. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbof/a/dxcQpjk6rb4QRhVtqH3GKd/?>. Acesso em: 29 jan. 2025.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

DONETT, W. Táxis-robô já são realidade: veja onde é possível andar sem motorista. *UOL*, 17/07/2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/carros/noticias/redacao/2024/07/17/taxis-robo-ja-sao-realidade-veja-onde-e-possivel-andar-sem-motorista.htm>. Acesso em: 28 jan. 2025.

ETZKOWITZ, H.; LEYDESDORFF, L. The triple helix of university-industry-government relations: introduction. *Industry and Higher Education*, v. 4, n. 1, p. 197-258, 1998.

FERNANDES, F. A. G. Letras e Linguística no contexto da política científica: conhecer é humanizar. *Revista da Anpoll*, v. 51, n. 1, 2020, p. 11-20. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1409/1077>. Acesso em: 29 jan. 2025.

GIUSTI, J. Crise na pós-graduação: evasão de pesquisadores prejudica ciência nacional. *Correio Brasiliense*. 2024. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2024/04/6836129-cri-se-na-pos-graduacao-evasao-de-pesquisadores-prejudica-ciencia-nacional.html>. Acesso em: 29 jan. 2025.

GULBRANDSEN, M.; AANSTAD, S. Is innovation a useful concept for arts and humanities research? *Arts and Humanities in Higher Education*, v. 14, n. 1, 2015, p. 9-24.

JOKURA, T. Pele de tilápia é usada para reconstituir dedos de crianças. *Revista Fapesp*, 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/pele-de-tilapia-e-testada-para-reconstituir-dedos-de-crianca/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

MARKEE, N. The diffusion of innovation in language teaching. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 13, 1993, p. 229-243.

MOWERY, D.; SAMPAT, B. Universities in national innovation systems. In: FAGERBERG, J.; MOWERY, D.; NELSON, R. (org.). *The Oxford Handbook of Innovation*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 209-239.

O GLOBO. Médico na Itália opera paciente na China em feito inédito com IA e braço robótico. *O GLOBO*, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/06/12/medico-na-italia-opera-paciente-na-china-em-feito-inedito-com-ia-e-braco-robotico-entenda-como-foi-a-operacao.shtml>. Acesso em: 28 jan. 2025.

OCDE/EUROSTAT. *Oslo Manual 2018: Guidelines for Collecting, Reporting and Using Data on Innovation – 4th Edition – The Measurement of Scientific, Technological and Innovation Activities*. OECD Publishing/Eurostat: Paris/Luxembourg, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/agu/pt-br/composicao/cgu/cgu/modelos/cti/consulta/manual-de-oslo-ocde-4a-edicao-2018.pdf/view>. Acesso em: 29 jan. 2025.

PHILIPPI JR., A.; SILVA NETO, A. J. *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação*. Barueri: Editora Manole, 2010.

RODRIGUES, R. H. Apresentação. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 34, 2013, p. 1-7. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/661/678>. Acesso em: 29 jan. 2025.

ROSA, C. A. P. *História da ciência: da antiguidade ao renascimento científico*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2012.

SOUSA, G. M. R. *A divulgação/popularização científica da Linguística no Brasil: uma análise histórica, agentiva e responsiva*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), João Pessoa, 2025.

YAHIEL, N. La sociología de la ciencia como una teoría sociológica determinada. *Revista Mexicana de Sociología*, México, v. 37, n. 1, 1975.